

**As guerrilheiras curdas do Peshmerga e do YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres),  
Feminismo e Segurança nas Relações Internacionais.**

*Mariana Ribeiro (FADIC)*

Resumo: Com o atual conflito na região do Curdistão, situado entre Síria e Iraque, as guerrilheiras curdas dos exércitos Peshmerga e YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres) têm exposto ao mundo o papel decisório que a mulher tem na guerra, deixando de ser um agente passivo nos conflitos, uma vez que normalmente a mulher faz parte do elo mais frágil atingido pela guerra, para ser um agente ativo. Desta forma, por meio de uma análise do Feminismo nas questões de Segurança Internacional nas Relações Internacionais, este artigo fornece um panorama de como a questão de gênero, que é fortemente presente nesta sociedade, é desconstruída pelas guerrilheiras no âmbito do conflito contra o Estado Islâmico, e de que forma elas utilizam o gênero feminino no front de batalha.

Palavras chave: Curdistão; Guerrilheiras; Curdas; Exércitos; Peshmerga; YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres); Mulher; Guerra; Agente passivo; Agente ativo; Feminismo; Questão de gênero; Segurança Internacional; Estado Islâmico;

Abstract: Currently with the conflict in Kurdistan region, which is in part of Syria's and Iraq's territory, the Kurdish guerrilla armies, Peshmerga and YPJ (Women's Defense Unit), are exposing to the world the decision-making role that women have in war. In this case, they are no longer a passive agent in conflicts, because usually in the occurrence of wars women are part of the weakest group affected by it. So, in consequence of their participation in the conflict they became an active agent. Thus, through an analysis of Feminism in the International Security, this article provides an overview of how gender issue, which is strongly present in this society, is deconstructed by the women's participation in the Kurdish guerrilla in a scenario of conflict against the Islamic State. Also, it will expose how women are using the gender as a factor to fight and to win the conflict on the front lines of the battle.

Keywords: Kurdistan; Guerrilla; Kurdish; Armies; Peshmerga; YPJ (Women's Defense Unit); Women; War; Passive Agent; Active agent; Feminism; Gender Issues; International Security; Islamic State.

## Introdução

O povo Curdo é um grupo étnico nativo da região do Curdistão, que não é reconhecido pela Comunidade Internacional como Estado Nacional. Região esta situada entre vários Estados do Oriente Médio, entre eles: Turquia, Iraque, Irã, Síria, Armênia, Geórgia. Nestes países, existe uma expressiva população curda, porém a etnia curda não está somente nas citadas localidades, pois possui grande presença populacional no Líbano, Azerbaijão, países da Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália. Atualmente existem aproximadamente 36 milhões de Curdos espalhados pelo mundo, o que faz deles a maior etnia sem pátria do mundo.

Apesar de o Estado do Curdistão não existir de fato, há uma vontade dos curdos para que se concretize. Nesse intuito, criou-se uma organização nas cidades curdas, com instituições para que o povo tivesse representação dentro dos Estados que habita, principalmente no Iraque, Síria e Turquia. Como exemplo, pode-se citar o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão); PYD (Partido da União Democrática); YPG (Unidade de Proteção Popular); YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres). No caso do Iraque, a região curda, que é situada no norte do país, possui representante devidamente eleito pela população, além de ser bastante desenvolvida na produção e extração de petróleo. Desta forma, os curdos administram essa indústria na localidade, porém ainda se reportam ao governo central, em Bagdá. Na Turquia, devido ao grande número de curdos que vivem no país, há um partido político que os representa dentro do aparelho de Estado turco. Por sua vez, na Síria, assim como no Iraque, por devido ao massivo número de pessoas que diariamente fogem do conflito que está ocorrendo, em direção à Europa e países vizinhos, a região está em crise humanitária. No Irã, os curdos se organizam através do PJAK (Partido da Vida Livre do Curdistão).

Vale citar que, além da organização política e econômica, os curdos também se organizam de outras maneiras, como os Peshmerga, que é a denominação para quem faz parte do exército curdo para defesa do território do Curdistão iraquiano. A palavra Peshmerga é de origem curda e significa “aqueles que enfrentam a morte”, sendo “Pesh” equivalente a enfrentar, e “Marg” equivalente à morte.

O Peshmerga é o exército curdo que age no território do Curdistão iraquiano é formado tanto por homens, quanto por mulheres e, ultimamente, sua divisão feminina ganhou visibilidade ao redor do mundo, pois, além do combate direto que é realizado diariamente, utilizando táticas de guerrilha, na luta contra o Estado Islâmico (EI), está desconstruindo as questões de gênero que fazem parte e influenciam a vida social de homens e mulheres e na divisão do trabalho em sua sociedade, uma vez que é característica de sociedades que são

patriarcais com as que estão localizadas na região do Oriente Médio. E, assim como o Peshmerga, existe também o YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres), que age no território do Curdistão sírio e é uma ramificação do YPG (União de Proteção Popular). O YPJ é formado por mulheres, que, como no Peshmerga, sentiram a necessidade de ingressar na vida militar para defesa de seu território e povo e que também está redefinindo o papel da mulher tanto na guerra quanto na sociedade, pois, por conta desta participação, a mulher passa a ser um agente ativo do conflito e não é mais vista como um agente passivo e frágil que precisa da proteção de um agente ativo, que em conflitos, são os homens. Desta forma, por conta desta participação como *player* na vida militar, está ocorrendo um novo questionamento no âmbito do Feminismo e da Segurança Internacional nas Relações Internacionais.

### **Feminismo e Segurança Internacional**

Por meio da análise da citação de uma autora da Teoria Feminista, Simone De Beauvoir: “Representation of the world, like the world itself, is the work of men; they describe it from own point of view, which they confuse with absolute truth”. (BEAUVOIR, 1949 *apud* TICKNER, 1992 p.1). Assim, podemos afirmar que, por conta das relações de gênero estabelecidas ao longo dos séculos, e que impactam até os dias atuais, as relações internacionais no âmbito político e securitário se dão sob a ótica masculina. Tal ótica está enraizada nos setores público e privado, como no âmbito diplomático, e na área militar, que, em sua maioria, têm os espaços ocupados por homens. Porém, ao longo do século XX, em razão da luta das sufragistas que deu um impulso enorme às discussões e à presença da mulher na vida pública e privada, esse cenário mudou e continua em transformação, conforme colocado por Eleanor Roosevelt (*apud* TICKNER, 2011, p.44) no epílogo de seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1952, “Too often the great decisions are originated and given form in bodies made up wholly of men, or so completely dominated by them that whatever of special value women have to offer is shunted aside without expression”.

Vale ressaltar que essa descrença parte muito da ideia de que para uma pessoa ocupar cargos que tenham cunho de chefia ou segurança ela deve passar uma imagem de força, poder, independência, nacionalidade e autonomia para conduzir a política de uma localidade, segundo TICKNER (2011, p.45-46). Sendo essas características as mesmas do termo “manliness”, que é um fato importante para a escolha de pessoas com cargo que tenham que tomar decisões importantes para a segurança do povo e do Estado. Estes atributos que são usualmente associados à imagem do homem, e não da mulher. Isto porque os homens sempre foram às guerras e sempre protegeram a população que é formada por pessoas que

normalmente são vistas como mais frágeis, como mulheres, crianças e idosos. Seguindo essa linha de pensamento ultrapassada, por serem frágeis, as mulheres ofereceriam perigo à segurança nacional, uma vez que não foram feitas para ocupar esses espaços, e sim cuidarem das atividades do lar e da educação das crianças, conforme TICKNER (2011). Ainda segundo Tickner (1992, *apud* VIA, 2010, p.43) “particularly, in the international security realm, values associated with masculinities (e.g., strength, rationality, autonomy) are prized over values associated with femininities (weakness, emotion, interdependence)”.

Desta forma, as mulheres além de sofrerem com a segregação que as é imposta, esta segregação reflete, impacta e influencia os setores da sociedade, que é moldada por homens. Como é apresentado por TICKNER (1992, p.15), onde a autora expõe que “feminists claim that women are oppressed in a multiplicity of ways that depend on culture, class and races as well as on gender”.

Vale citar que, em *Feminismo e Segurança*, TICKNER (2011) afirma que essa classificação de papéis que cada gênero ocupa na sociedade é um empecilho enorme para o ingresso de mulheres na elite global, tanto no âmbito público quanto no privado. Desta forma, por conta de uma cultura patriarcal e de uma sociedade hierarquizada, que sempre foi organizada, tanto no setor público quanto no privado, por homens, restou uma estrutura social em que ocorre a perpetuação da opressão da mulher.

Além disso, as imposições de um sistema patriarcal não abrangem somente a divisão de atividades que vão ser realizadas em sociedade, mas, principalmente, impactam a organização dos setores político e securitário de uma sociedade, onde prevalecem os valores e normas masculinas.

Masculine social norms in international politics are particularly evident in militarized institutions, which are structured around gendered, hierarchical relationships both within the institutions and in their accomplishment of their missions (Tickner, 1992, *apud* VIA, 2010, p. 43-44)

Consequentemente, a maneira como a sociedade foi construída, sob a ótica masculina, exclui a mulher como agente atuante nos setores que envolvam situações de gerência de uma localidade, ou de setores que são decisivos para sua própria sobrevivência no Sistema Internacional. Assim, ocorre uma hierarquia de setores da sociedade, e que por meio de uma narrativa de proteção de alguns membros que são narrados como frágeis, um setor acaba sendo privilegiado em relação ao outro.

As one effect, the naturalness of sex difference is generalized to the naturalness of masculine (not necessarily male) privilege, so that both aspects come to be taken-for-granted givens of social life. Common sense becomes a two-pronged justification of hierarchy. (PETERSON, 2010, p.20)

## O Curdistão

Por meio de estudos embasados nos acontecimentos atuais na região do Curdistão, com ênfase no território do Curdistão sírio e iraquiano, Peixinho (2010) traz considerações viáveis para o entendimento e estudo sobre o tema. Neste sentido, ela destaca que a formação do povo curdo data da Antiguidade, período que se fixaram no território da cordilheira de Zagros, localizada entre os territórios de Irã e Iraque, onde formaram as primeiras tribos e vilas. Devido a conflitos, invasões e outros fatores que ocorreram na região, foram efetuadas migrações ainda na Antiguidade, porém o povo curdo nunca perdeu sua identidade, como, por exemplo, sua língua própria e religião, e grande parte dele continuou no território das montanhas.

De acordo com o trabalho de Peixinho (2010), entende-se que a fixação do povo curdo no norte do Iraque, assim anos depois constituindo uma região com níveis de autonomia, o Curdistão do Iraque, se fortaleceu após a invasão do Kuwait e a derrota do Iraque, pois devido a esse fator o norte do Iraque, território de maioria curda, teve sua administração negligenciada pelo governo central iraquiano, fortalecendo assim o sentimento curdo de formação e administração de seu território.

Em relação ao território denominado de Curdistão iraquiano, localizado ao norte do Iraque, a situação é um pouco diferente do Curdistão da Síria, em comparação da liberdade o povo curdo garantiu perante o Estado em que vivem, pois aquele estabeleceu um Governo Regional no final do século XX, com o aval da Constituição iraquiana, e vem apresentando taxas de desenvolvendo ao longo dos anos, sendo considerado com exemplo para região, pois apresenta um regime de governo democrático e economia em crescimento, apresentando também um alto padrão de vida e baixa taxa de pobreza. O Curdistão iraquiano possui presidente, premiê e parlamento. Este parlamento controla três províncias de maioria curda: Erbil, Sulaymaniyah e Dohuk. Porém, com o crescimento da ofensiva feita pelos terroristas do Estado Islamico (EI), a região, que é rica em jazidas de petróleo, veio sendo ameaçada de invasão, até que foi invadida pelo EI. Porém, por conta das ofensivas tanto dos Peshmerga, divisão feminina e masculina, quanto à ofensiva russa, e da Coalizão Internacional, liderada pelos EUA, que visam o embate ao EI que é realizado através de ataques terrestres e aéreos, a região situada no norte do Iraque foi retomada via terrestre pelo exército curdo. Vale citar que devido aos exércitos serem especializados em lutas de guerrilha, as cidades curdas estão resistindo bem às ofensivas do grupo terrorista, recebendo, inclusive, ajuda direta de países como Estados Unidos, realizando ações ofensivas em território iraquiano, sendo a primeira

vez que os EUA voltaram a intervir militarmente após a retirada de tropas feita em 2011. A ação dos Estados Unidos foi realizada por bombardeios aéreos, nas proximidades de Erbil, que é a capital do Curdistão iraquiano visando reduzir o poder bélico dos terroristas para que as forças Peshmerga, pudessem combater o EI por ofensivas terrestres. Porém os bombardeios também atingiram áreas onde civis estavam, fato que vitimou civis.

Vale citar que os ataques aéreos que foram realizados pela Rússia nos territórios do Curdistão sírio e iraquiano foram aproveitados pelo exército curdo, apesar de novamente ter ocorrido a perda de civis, e outros países demonstraram interesse no auxílio através do envio armas para que os curdos possam combater o Estado Islâmico por via terrestre. Dentre esses países estão: Alemanha, Inglaterra, França e Itália. Porém, seu auxílio só abrange o âmbito de frear o expansionismo jihadista (fundamentalistas islâmicos que promovem o terror) na região para que este não cresça e venha criar problemas para estes países futuramente, contudo, eles não demonstram interesse em ajudar na causa da criação de um Estado Nacional Curdo.

Por sua vez no, Curdistão da Síria, a YPG (Unidade de Proteção Popular) e a YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres) continuam intensivamente defendendo o território contra o EI, e por conta destes grupos, diversas cidades e vilas curdas estão sendo retomadas, e já tendo sido iniciando o processo de reconstrução de algumas delas.

Por conta da problemática de não possuir fronteiras delimitadas, de boa parte da população não seguir o islamismo como é pregado pelo EI, em razão da existência de petróleo em abundância em parte do território curdo e porque o território fazer parte do que o EI autoproclamou como califado, os curdos são alvo frequente do expansionismo realizado pelos jihadistas, que além de tomar cidades e vilas, realizam assassinatos em massa, estupros coletivos e sequestros de meninas e mulheres para vendê-las como escravas sexuais. O expansionismo feito pelo EI, que inicialmente estava intensificado, apresentou uma queda de força e influência na localidade, principalmente por conta do corte no fornecimento de petróleo ao qual os integrantes do EI tinham acesso, por conta das ações realizadas pelos exércitos curdos pelo Governo do Iraque, e dos ataques aéreos realizados pela coalizão internacional e pelo Governo da Rússia.

Dentre as localidades que fazem parte do que o EI autoproclamou como parte de seu califado, está a cidade de Kobani, nomeada assim pela população curda que vive no local, situada no Estado da República Árabe Síria, e que oficialmente é cidade de Ayn al- Arab. Desde o início dos ataques jihadistas em Kobani, milhares de combatentes curdos e civis morreram, segundo o Syrian Observatory For Human Rights (OSDH). Vale ressaltar que, na época da intensificação dos ataques a Kobani por parte do EI, mais de 300 mil pessoas

conseguiram fugir, das quais mais de 200.000 pessoas foram para a Turquia. A ONU se pronunciou e declarou que temia que um massacre ocorresse em Kobani, pois milhares de civis estavam sitiados na cidade. Kobani, de população síria curda, foi constantemente atacada pelo grupo terrorista. Os Curdos resistiram bravamente com seu exército contando com as divisões nomeadas de YPG (Unidades de Defesa do Povo) e YPJ (Unidades de Defesa das Mulheres), nas quais há milhares de guerrilheiras que, em sua maioria, ingressam no exército muito jovens, mas também há mulheres com idade mais avançada formando as linhas no front de batalha para defesa de seu território e de civis. Vale citar que há a participação do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) armando sua população adulta e utilizando técnicas de guerrilha para frear o expansionismo do Estado Islâmico e a ofensiva do Governo Turco sob a população curda presente nas fronteiras, assegurando, assim a integridade de suas cidades e vilas.

Em um relatório, um observador da ONU na cidade de Kobani, afirma que diante do avanço do movimento expansionista feito pelo grupo terrorista Estado Islâmico, as Nações Unidas alertaram para o risco de massacre caso a cidade síria fosse completamente tomada. O representante da ONU afirmou que vários civis ainda estavam no centro de Kobani, a maioria idosos, e que milhares estavam concentrados perto da fronteira com a Turquia. Ele também expôs que caso ocorresse a invasão da cidade curda pelos terroristas, todos os Curdos seriam provavelmente assassinados. Desta forma, em seu relatório, o emissário especial da ONU para a Síria, lembrou e comparou os acontecimentos na região do Curdistão com o massacre de Srebrenica, na Bósnia, ao pedir ajuda para conter o avanço dos terroristas em Kobani. Porém, devido aos combates incisivos, os guerrilheiros curdos conseguiram retomar o controle de Kobani, destacando-se o papel decisivo das mulheres curdas na luta.

Deve-se destacar que, por conta dos recorrentes ataques às cidades curdas, está ocorrendo novamente a perseguição da etnia curda seguidora da religião Yazidi, que é vista pelo Estado Islâmico como uma religião imprópria, pois cultua um Deus chamado Malek Taus, que se manifesta em forma de pavão para seus devotos. Além disso, o Estado Islâmico classifica os Yazidis como incrédulos e adoradores do “diabo”, sob a ótica de uma interpretação de uma vertente islâmica que os integrantes do EI seguem, utilizando essa narrativa para perseguir e matar os yazidi, e realizando ataques visando o extermínio deste grupo étnico curdo. Vale citar que segundo a tradição Yazidi, um indivíduo não pode se converter à religião, porque somente as pessoas que nasceram na comunidade são membros e seguidores da religião. E por conta desta perseguição, as Nações Unidas afirmaram que está

ocorrendo um genocídio contra os membros do grupo étnico religioso, e que os terroristas estão realizando estupros coletivos.

Por conta de fatores como este, ocorreu a necessidade de que o exército curdo (Peshmerga, YPG e YPJ) aumentasse seu contingente de soldados. Desta forma, as mulheres passaram a ingressar cada vez mais no Peshmerga e no YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres), formando, assim, uma grande divisão feminina para defesa do território e do povo curdo.

### **As guerrilheiras curdas**

Peshmerga é a denominação para quem faz parte do exército curdo para defesa do território do Curdistão. A palavra Peshmerga é de origem curda e significa “aqueles que enfrentam a morte”, sendo “Pesh” equivalente a enfrentar, e “Marg” equivalente à morte. O exército curdo que age principalmente no Curdistão iraquiano é formado tanto por homens quanto por mulheres e ultimamente a divisão feminina do Peshmerga ganhou visibilidade ao redor do mundo. Por sua vez, o exército curdo feminino que luta mais incisivamente em defesa das cidades curdas sírias é chamado de YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres) e surgiu como uma ramificação do YPG (União de Proteção Popular), que atua principalmente no território do Curdistão sírio. Esse exército surge pela necessidade que as mulheres curdas que advém do território sírio sentiram em participar do setor securitário e da defesa, principalmente das mulheres, pois, com a presença dos terroristas do EI sendo mais expressiva em cidades curdas da Síria, os terroristas capturavam mulheres e meninas curdas para vendê-las no mercado como escravas sexuais e praticavam estupros coletivos contra as curdas, assim os terroristas utilizavam o estupro como arma de guerra visando atingir a parte da população que é vista como vulnerável.

(...) the intensification of sexual violence against women in ethnic conflict has multiple meanings. It means, as we have come to understand through the work of many feminist scholars, that the culture is being attacked through the symbol of its strength—its women (HALE, 2010, p.112)

Vale citar que, segundo as Nações Unidas, a prática do estupro como arma de guerra realizada pelos terroristas do EI estava ocorrendo também com a comunidade étnica curda dos Yazidi, como foi exposto anteriormente, que meninas e mulheres foram violadas e vendidas como escravas sexuais, assim como ocorreu no conflito na antiga Jugoslávia durante os anos 1990, onde o estupro foi utilizado como arma de guerra e com pretensões de realização de uma limpeza étnica na população. Como é observado abaixo:

Sexual slavery was also a prominent form of sexual violence in the conflict in the former Yugoslavia in the early 1990s. According to a European Union investigation, approximately 20,000 girls and women suffered rape in 1992 in Bosnia-Herzegovina alone, many of them while held in detention facilities of various types (WOOD, 2010, p. 127)

Devido a ocorrência destes ataques, uma parte das mulheres curdas do Curdistão sírio e iraquiano, organizou-se para combater diretamente os jihadistas e evitar que mais ações como essas fossem praticadas contra outras mulheres e meninas.

As combatentes se voluntariam para o trabalho no exército curdo. Elas têm entre 18 e 40 anos de idade. As adolescentes não podem ingressar ao exército, porém elas podem solicitar treinamento militar para quando forem ingressar, para que elas estejam prontas para atuar. As guerrilheiras não recebem algum tipo de auxílio, assim dependem de doações e são alimentadas pela população de cidades curda que elas defendem. Há uma estimativa que 45% do contingente total do exército curdo presente no Curdistão sírio seja formado por mulheres, porém a quantidade oficial de soldados é uma informação sigilosa e não é oficialmente divulgada pelo exército curdo.

Muitas das mulheres que ingressam no exército curdo, além de primar pela segurança dos civis, visam garantir sua autonomia, ter voz frente à sociedade, visto que os papéis do homem e da mulher são muito especificados na região. Por esse motivo, as mulheres tentam no ingresso ao grupo. Além desse fator, é presente e constante a vontade de participar principalmente por mulheres que já sofreram, ou que sofrem violência doméstica. Isso porque através do treinamento armado que elas recebem do exército curdo, elas podem se defender e fugir da situação de violência que sofrem em suas casas. Ademais, há ainda o sentimento de proteção do território que elas têm, pois tentam em participar cada vez mais da defesa do Curdistão.

Outro fato observado é que existe uma parte das guerrilheiras que são mães e esposas, porém como foi citado elas enxergam o ingresso aos grupos como uma forma de autonomia na sociedade que pertencem, e que muitas das guerrilheiras fogem da violência doméstica sofrida se juntando as linhas dos grupos de defesa do Curdistão, por sua vez, parte das mulheres que são do Peshmerga e do YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres) não deseja se casar, ou ter filhos, desconstruindo assim com o costume que é perpetuado até os dias atuais no Oriente Médio, onde a menina deve ser preparada por sua mãe, ou por outra mulher de sua família, para que um dia contraia matrimônio com um homem, que o pai da mesma autorizar, e após o casamento ela deixa de ser propriedade de seu pai ou da figura masculina de sua família, e passa a ser propriedade de seu marido, onde a mesma vai cuidar de sua nova casa e

dos filhos que vão ser gerados. Então, através do ingresso ao grupo, elas desconstruem o costume e estão redefinindo o papel da mulher na região em que vivem como players no conflito através de sua participação nos setores militar e político.

(...) women have discovered in nationalist movements a new public persona and an opening for new political participation. Seeing themselves as, and being seen by others as, members of a nation have given these women an identity larger than that defined by domesticated motherhood or marriage (ENLOE 2014, p. 88).

Vale ressaltar que, após os constantes ataques realizados pelo Estado Islâmico contra as vilas e cidades que o povo curdo habita, tem-se gerado uma necessidade mais urgente de aumentar o quantitativo de soldados curdos nas linhas para o front de batalha. Assim, o ingresso de mulheres tem se ampliado. Por conta deste episódio, as mulheres curdas estão ganhando um papel de destaque, pois, além de atuarem incisivamente para defesa do território, elas contam com um elemento particular: os jihadistas (fundamentalistas islâmicos que promovem o terror) que fazem parte do Estado Islâmico (EI) temem ser abatidos pelo YPJ, e pela divisão feminina do Peshgerma, uma vez que eles acreditam que caso um homem integrante do EI seja morto por uma mulher, ele não vai para o paraíso após sua morte, e que não vai ser premiado com as 72 virgens prometidas aos mortos em batalha. Esta promessa que os terroristas do Estado Islâmico pregam é fruto de uma interpretação de um segmento da religião islâmica que eles seguem. Desta forma, as combatentes utilizam esse fato em favor do grupo para lutar e aniquilar o inimigo de seu povo no atual momento. Como exemplo: elas foram de suma importância para a retomada de Kobani, que anteriormente estava sob controle dos terroristas do Estado Islâmico. Assim, ao lutarem, as guerrilheiras curdas combatem não apenas os terroristas, mas também a cultura sexista do Oriente Médio, e fornecem uma nova ótica sobre mulheres em guerras.

Além deste fator discorrido anteriormente, a participação determinante de mulheres nos exércitos, e a necessidade de aumento do contingente do exército curdo por mulheres é de suma importância para a quebra de paradigmas e de padrões de gênero, que são fonte de estudo do Feminismo, que classificam os seres humanos ao redor do mundo, os quais são seguidos à risca na região do Oriente Médio, por conta de sua tradição milenar e patriarcal, como: qual é o tipo de atividade que uma mulher deve desempenhar e os espaços que ela nasceu para ocupar, pois segundo as tradições ela nasceu para executá-las, como realizar atividades que envolvessem tarefas domésticas, e educação dos filhos, e não deve ocupar atividades que não as competem. Desta forma, é observado um determinismo biológico em como a sociedade é dividida e como esta divisão impacta nas vidas das pessoas, sobretudo na vida das mulheres. Assim estabelece os papéis que pessoas do sexo masculino e feminino

devem desempenhar em determinados e delimitados setores da sociedade: como na vida familiar e na divisão de trabalho. Outro fator observado é que na sociedade, sobretudo na da citada localidade, as mulheres são propriedade de seus familiares pertencentes ao sexo masculino, desta forma, são tratadas como subalternas e que somente devem obedecer e executar aos papéis sociais e de trabalho que são impostos a elas. Assim não é comum que mulheres exerçam atividades que são, segundo a tradição, tarefas para homens, como: segurança do território e do povo.

Por conta da necessidade de um maior número de guerrilheiros no exército curdo, as mulheres maiores de idade passaram a receber treinamento e ingressar voluntariamente nas linhas do Peshmerga e YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres). Fato que causou descrença e desaprovação de parte do setor masculino da população curda, pois os papéis de cada gênero são bem estabelecidos nas sociedades do Oriente Médio, mesmo entre aquelas pessoas que não seguem a religião islâmica. Este fator gerou uma nova situação que vai de encontro com o que normalmente ocorre com pessoas do gênero feminino em guerras, pois, por conta dessa participação voluntária que as mulheres curdas têm no Peshmerga e no YPJ, elas ganham, dia após dia, mais participação, voz, e visibilidade como agente que participa ativamente do conflito, pois normalmente a mulher faz parte dos agentes que são passivos aos conflitos, como crianças e idosos, e por conta disto são vistas como membros do grupo mais vulneráveis a conflitos, uma vez que por falta de conhecimento militar, ou somente por estar em locais onde os ataques à população civil estão intensificados, este grupo acaba sendo atingido por caracterizar o elo mais fraco do conflito. Vale citar que por conta de episódios os quais mulheres, idosos, e crianças, sofreram algum tipo de violência, o setor que é o hegemônico da sociedade constrói a narrativa que mulheres fazem parte do setor de vulneráveis, juntamente com idosos, e crianças, quando há deflagração de conflitos e guerras, e por conta desta narrativa é determinado que os membros deste setor deve ser protegido por serem vistos como frágeis, e que devem permanecer em suas residências, e que as mulheres não podem receber treinamento adequado para participação da vida militar e política. Por sua vez o setor que os homens fazem parte é o setor hegemônico, que vai defender os que são vistos como vulneráveis, assim somente o hegemônico da sociedade, que vai atuar como *player* no conflito, pois os homens construíram uma imagem para se portar como protetores, fortes, corajosos, e racionais, portanto somente eles têm que o direito e o dever de garantir a proteção do Estado e dos civis. Como ENLOE (2014, p. 30-31) expõe:

The idea that we live in a dangerous world serves to reinforce the primacy of particular forms of masculinity while subordinating most women and femininity itself. Men living in a dangerous world are commonly imagined to be the natural

protectors. Women living in a dangerous world allegedly are those who need protection. Those relegated to the category of the protected are commonly thought to be safe “at home” and, thus, incapable of realistically assessing the dangers “out there.”

In a patriarchal society—a society whose relationships and inequalities are shaped by the privileging of particular masculinities and by women’s subordination to and dependence on men—anything that is feminized can be disparaged. Consequently, rival men are prone to try to tar each other with the allegedly damning brush of femininity. The intent is to rob the opposing man of his purchase on such allegedly manly attributes as strength, courage, and rationality.

Porém, devido à nova configuração que as guerrilheiras curdas estão fornecendo no âmbito de mulher como agente ativo de conflitos, está ocorrendo a quebra de paradigmas que sempre existiram nas sociedades mundiais e que, sobretudo, estão enraizadas nas sociedades patriarcais presentes no Oriente Médio.

### **Conclusão**

Assim, por conta da atuação decisória e importante para questão da segurança nacional que as guerrilheiras Peshmerga e do YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres) têm atualmente, as mulheres estão redefinindo o seu papel na sociedade curda. Através de sua luta contra do Estado Islâmico (EI), defendendo os civis e o território, elas estão rompendo com a visão de que são supostamente frágeis e que não conseguem tomar decisões de cunho securitário. Desta forma, desconstroem a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são determinadas por fatores biológicos, e trazem à tona a problemática de gênero que envolve a divisão de tarefas entre homens e mulheres, sobretudo pelas sociedades situadas no Oriente Médio.

Vale ressaltar que em razão da necessidade da presença das mulheres no Peshmerga e no YPJ, elas estão ganhando uma maior autonomia e voz na sociedade curda, e estão lutando diariamente contra o patriarcalismo, uma vez que ingressam no serviço militar juntamente com os homens e executam as mesmas funções que sempre foram designadas somente a eles, tanto na área militar quando na política.

Desta forma, as guerrilheiras curdas utilizam o fator do gênero feminino, para defesa de seu território e população civil, contra o expansionismo feito pelo Estado Islâmico (EI), já que os jihadistas (fundamentalistas islâmicos que promovem o terror) acreditam que se forem mortos por mulheres eles perdem as regalias que supostamente teriam quando morressem pela causa que eles seguem. Então, as guerrilheiras utilizam o fato de ser mulher para aniquilar o inimigo. Usando o fator do gênero em favor da divisão de mulheres, para questão securitária do Curdistão, e para defesa dos civis.

Outro ponto importante que foi observado é que os guerrilheiros da divisão masculina do Peshmerga recorrem mais à tática física, enquanto as guerrilheiras utilizam mais a inteligência e o planejamento no momento em que vão executar suas tarefas visando defender o Curdistão. Porém, ainda assim, elas utilizam a força das armas para se defender, bem como ao território e população. No final, as mulheres guerrilheiras realizam o mesmo trabalho que a divisão masculina faz: combater o inimigo, EI, visando a vitória sob os jihadistas. Porém, com um novo fator, que é inédito para a sociedade: a utilização de seu gênero como fator decisório do conflito através de sua atuação como agente do conflito nos fronts de batalha. Desta forma, fazem a desconstrução da imagem frágil que foi atribuída ao gênero feminino, e trazem um novo olhar sob a participação de mulheres em guerras e conflitos.

## Referências

TICKNER, Ann. *Feminism and Security*. In: HUGHES, Christopher W.; MENG, Lai Yew (ED.). **Security Studies: A reader**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

PEIXINHO, Maria de Fátima Amaral Simões. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação: Contexto e Desafios**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Mundo Árabe e Islâmico, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009. Disponível em: <[http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM\\_20744.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM_20744.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

TICKNER, Ann. **Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security**. Nova Iorque: Columbia University Press. 1992.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics**. Los Angeles: University of California Press. 2014.

TICKNER, Ann. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era**. Nova Iorque: Columbia University Press. 2001.

PETERSON, V. Spike. *Gender, Militarization, and Security: Gendered Identities, Ideologies, and Practices in the Context of War and Militarism*. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

VIA, Sandra. *Gender, Militarism, and Globalization: Soldiers for Hire and Hegemonic Masculinity*. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

HALE, Sondra. *Sexual Violence in War and Conflict: Rape as a Marker and Eraser of difference: Darfur and the Nuba Mountains (Sudan)*. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

WOOD, Elisabeth Jean. Sexual Violence during War: Toward an Understanding of Variation. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

GERECKE, Megan. Explaining Sexual Violence in Conflict Situations. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

CARPENTER, Charli. Feminism, Nationalism, and Globalism: Representations of Bosnian “War Babies” in the Western Print Media. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

**WHO ARE THE KURDS?** Londres, 15 mar. 2016. Disponível em: <<http://blogs.ft.com/the-world/2014/10/a-short-history-of-the-kurds/>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

**SEIS GRÁFICOS EXPLICAM GUERRA CONTRA 'ESTADO ISLÂMICO'**. São Paulo, 26 maio 2016. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150216\\_estado\\_islamico\\_gch\\_hb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150216_estado_islamico_gch_hb)>. Acesso em: 16 fev. 2015.

**SEGURANÇA DOS CIVIS SITIADOS EM OFENSIVA DO ESTADO ISLÂMICO À CIDADE SÍRIA PREOCUPA ONU.** [s.l], 07 out. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/seguranca-dos-civis-sitiados-em-ofensiva-do-estado-islamico-a-cidade-siria-preocupa-onu/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

**CONFLITOS NA SÍRIA E NO IRAQUE AUMENTAM SOLICITAÇÕES DE REFÚGIO EM DEZENAS DE PAÍSES.** [s.l], 26 set. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conflitos-na-siria-e-no-iraque-aumentam-solicitacoes-de-refugio-em-dezenas-de-paises/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

**ENVIADO DA ONU ALERTA PARA RISCO DE MASSACRE EM KOBANI: Emissário invocou matança em Srebrenica ao pedir ação global para conter avanço do Estado Islâmico em cidade na fronteira com a Turquia.** São Paulo, 10 out. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/jihadistas-avancam-sobre-kobani-e-onu-alerta-para-risco-de-massacre>>. Acesso em: 20/05/2015. Acesso em: 20 maio 2015.

**EXÉRCITO CURDO CONTA COM 45% DE MULHERES NA FRENTE DE BATALHA: As forças militares curdas na Síria, empenhadas no combate ao Daesh, são 45% femininas, e o número de mulheres tende a aumentar, declarou a comandante das Unidades Femininas de Proteção (YPJ), Nesrin Abdalla, neste domingo.** Rio de Janeiro, 07 fev. 2016. Disponível em: <<http://correiobrasil.com.br/exercito-curdo-conta-com-45-de-mulheres-na-frente-de-batalha>>. Acesso em: 21 maio 2016.

**CHEFE HUMANITÁRIA DA ONU PEDE AO CONSELHO DE SEGURANÇA PARA SALVAR A SÍRIA DA DESESPERANÇA: No total, cerca de 12,2 milhões de pessoas, incluindo 5,6 milhões de crianças, precisam de assistência humanitária em toda o país, segundo as Nações Unidas.** [s.l], 29 maio 2015. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/chefe-humanitaria-da-onu-pede-ao-conselho-de-seguranca-para-salvar-a-siria-da-desesperanca/>>. Acesso em: 29 maio 2015.

**WESTERN FASCINATION WITH 'BADASS' KURDISH WOMEN: The media frenzy over the women fighting ISIL is bizarre, myopic, orientalist and cheapens an**

**import.** Catar, 29 out. 2014. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/10/western-fascination-with-badas-2014102112410527736.html>>. Acesso em: 30 maio 2015.

**CONHEÇA OS YAZIDIS, POVO QUE ESTÁ SENDO MASSACRADO NO IRAQUE: Entre 10 mil e 40 mil yazidis estão encurralados entre a sede e as armas dos radicais islâmicos nas montanhas do Iraque.** São Paulo, 07 ago. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/conheca-os-yazidis-povo-que-esta-sendo-massacrado-no-iraque/>>. Acesso em: 21 maio 2016.

**PROFILE: WHO ARE THE PESHMERGA?** Londres, 20 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-28738975>>. Acesso em: 24 maio 2016.

**‘THE PESHMERGA ISN’T AFRAID OF ISIS’: Fighting on the front lines, Kurdish Peshmerga soldiers have joined the Iraqi Army in a bloody battle against the Islamic State. But sharing a common enemy doesn’t make them easy allies..** Washington D.c, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/04/12/the-peshmerga-isnt-afraid-of-islamic-state-iraqi-army-makhmour/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

**MEET THE KURDISH WOMEN FIGHTING THE ISLAMIC STATE: Battling Isil on the frontline in Northern Iraq are the female peshmerga army - fighting as equals alongside the male Kurdish forces for the future of their country.** Londres, 08 set. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11216064/Meet-the-Kurdish-women-fighting-the-Islamic-State.html>>. Acesso em: 24 maio 2016.

**THE TIME FOR AN INDEPENDENT KURDISTAN IS NOW.** Washington D.c, 04 maio 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/03/04/the-time-for-an-independent-kurdistan-is-now/>>. Acesso em: 26 maio 2016.

**MEET THE BADASS WOMEN FIGHTING THE ISLAMIC STATE.** Washington D.c, 12 set. 2014. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2014/09/12/meet-the-badass-women-fighting-the-islamic-state/>>. Acesso em: 27 maio 2016.

**TAKING FEMALE ARMED REBELS SERIOUSLY.** Washington D.c, 11 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2015/04/11/taking-female-armed-rebels-seriously/>>. Acesso em: 27 maio 2016.

**BETWEEN ANKARA AND ROJAVA.** [s.l], 14 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2016-03-14/between-ankara-and-rojava>>. Acesso em: 30 maio 2016.

**THE KURDS GO BROKE ITS LIGHTS OUT FOR OBAMA’S WAR ON THE ISLAMIC STATE.** Washington D.c, 02 mar. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/03/02/if-the-kurds-go-broke-its-lights-out-for-obamas-war-on-the-islamic->>. Acesso em: 03 jun. 2016.

**THIS IS NOT THE TIME FOR AN INDEPENDENT KURDISTAN.** Washington D.c, 22 abr. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/04/22/this-is-not-the-time-for-an-independent-kurdistan-iraq-barzani/>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

**HOW THE KURDS BECAME SYRIA'S NEW POWER BROKERS.** Washington D.c, 18 fev. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/02/18/how-the-kurds-became-syrias-new-power-brokers/>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

**SÍRIA: 'O GENOCÍDIO OCORREU E ESTÁ EM CURSO', DIZ COMISSÃO DA ONU SOBRE YAZIDIS ATACADOS PELO ISIL.** [s.l], 18 jun. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/siria-o-genocidio-ocorreu-e-esta-em-curso-diz-comissao-da-onu-sobre-yazidis-atacados-pelo-isil/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

**YPJ: THE KURDISH FEMINISTS FIGHTING ISLAMIC STATE.** Londres, 07 out. 2014. Disponível em: <<http://www.theweek.co.uk/middle-east/islamic-state/60758/ypj-the-kurdish-feminists-fighting-islamic-state>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

**GRUPO CRIA CALIFADO NO IRAQUE E NA SÍRIA; VOCÊ SABE O QUE ISTO SIGNIFICA?** São Paulo, 30 jun. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/06/30/entenda-o-que-e-um-califado.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

**JIHADISTAS PROCLAMAM UM ESTADO ISLÂMICO ENTRE O IRAQUE E A SÍRIA.** São Paulo, 30 jun. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/jihadistas-proclamam-um-estado-islamico-entre-o-iraque-e-a-siria/>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

**A KURDISH FEMALE FIGHTER'S WAR STORY: 'I DON'T KNOW HOW MANY I'VE KILLED IN KOBANI - I DON'T SEE ISIS AS HUMAN'.** Nova Iorque, 23 out. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/kurdish-female-fighters-war-story-i-dont-know-how-many-ive-killed-kobani-i-dont-see-1471412>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

**AMEAÇADO, CURDISTÃO VIROU POLO DE ESTABILIDADE NO IRAQUE.** São Paulo, 16 ago. 2014. Disponível em: <Ameaçado, Curdistão virou polo de estabilidade no Iraque>. Acesso em: 15 ago. 2016.